Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP

CMUHE041279

FARIA, Ronaldo. Prato cheio é sonho distante na periferia: miséria em Campinas mostra que fome zero tem longo caminho a seguir; cidade fica fora da primeira etapa do programa federal. Correio Popular, Campinas, 01 fev. 2003.

RONALDO FARIA
Especial para a Agência Anhangüera
rfaria@rac.com.br

"Mamãe, tem açúcar pra comer?" A pergunta, da pequena Dayse, de cinco anos, tem uma resposta negativa. Na despensa do barraco de Ângela Cristina Matos, moradora no Jardim Campo Belo 2, em Campinas, só resta um pouco de café e arroz. O jantar irá repetir o prato do almoço: nada de mistura e um tanto de esperança. Para ela, a promessa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ainda ecoa como algo distante. O desejo de fazer com que cada brasileiro tenha direito a três refeições diárias esbarra na realidade do desemprego do marido, vivendo de bicos, e nos olhares distantes das quatro crianças que moram no barraco.

"Meu marido agora mesmo está em Vinhedo, ajudando numa obra. Quanto dá para tirar? Varia, depende do dia, mas é pouco", lamenta. No barraco de Ângela, de um cômodo apenas, fica a saudade dos R$ 210,00 do Renda Mínima da Prefeitura, que não recebe mais desde novembro passado (acabou o prazo de um ano e meio), e sobrevive o sonho de um dia mudar a vida.

São exemplos como o de Ângela que levam a concluir que o programa Fome Zero terá muito a evoluir a partir da próxima segunda-feira, quando Guaribas e Acauã, no Piauí, recebem os primeiros cartões-alimentação (no valor de R$ 50,00 mensais) para mil famílias. Ainda em caráter experimental por seis meses, o Fome Zero será estendido ainda este ano, se der certo, para 1.010 municípios em situação de calamidade na região do semi-árido do Nordeste e no Vale do Jequitinhonha (MG). Entretanto, cidades do porte de Campinas mostram que a miséria absoluta não mora longe.

Tão perto como a casa de Miriam Ribeiro Licá. No barraco onde mora, num pedaço da madeira que serve de parede, a bandeira do Brasil está pintada de cabeça para baixo, dando sentido à sua vida: um quadro da melhor escola surrealista moderna, de ponta cabeça. Um quadro onde as coisas existem, mas não conseguem funcionar. No barraco, moram três adultos. Nenhum tem emprego. No lugar, tem geladeira, mas ela não funciona. O motor pifado fez o eletrodoméstico virar depósito de comida, que não aparece. "Meu marido vive de um serviço ou outro, quando tem. Tira uns R$ 100,00 por mês, mas vai quase tudo em remédio, porque as três crianças volta e meia estão doentes". Ontem, para completar as sonhadas três refeições do dia, macarrão. Para as de hoje, o cardápio é uma dúvida perturbadora: "Até agora não tem nada para servir ou fazer".

Caminhar pelo Campo Belo 2, onde a Igreja Católica desenvolve um serviço de ajuda aos miseráveis, é descobrir que o Fome Zero, que tem apoio garantido de organismos internacionais como Banco Mundial (Bird), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), vai ter muito trabalho pela frente. Trabalho até para conseguir separar o difícil joio do trigo social. Como no caso de Joana Tertuliana Ferreira dos Santos. Maranhense, morando com o marido e o filho em Campinas há quatro anos, ela abre a geladeira onde o espaço está quase todo tomado, de garrafas d'água. "Aqui entra mesmo é feijão e arroz. Frango e ovo, muito raramente. Meu marido está desempregado".

Joana gostaria de entrar no programa Renda Mínima para poder garantir um mínimo para o seu filho de 14 anos. Contudo, vê pouca esperança disso acontecer. "Eu tenho geladeira, um som e coloquei piso na minha casa. Quer dizer, para entrar no Renda Mínima, teria de mentir que eu não tenho isso. E eu não sei mentir... Mesmo não tendo nada aqui de comida", diz. Contudo, Joana acredita que o presidente Lula irá virar o jogo da fome no País. E se depender de aliado, pode contar com um no endereço onde ela mora. "Meu marido votou nele e chega mesmo a brigar de verdade se alguém falar mal do Lula. Se alguém disser que o presidente não faz nada, aqui apanha", avisa.

NERIVELTON ARAÚJO/AAN

Governo Lula prioriza o Nordeste na 1ª fase do programa

A pequena Dayse procura açúcar na lata vazia: drama da fome atinge de 40 a 50 mil moradores de Campinas